

O COMÉRCIO MUNDIAL E A GUERRA CAMBIAL

TRADE AND WORLD WAR CURRENCY

Por:

Karl Marx de Medeiros

e-Revista Facitec, v.5, n.2, Art.2, jan-jul 2011.

http://www.facitec.br/erevista/index.php?option=com_content&task=view&id=9&Itemid=2

Todos os direitos, inclusive de tradução, são reservados. É permitido citar parte de artigos sem autorização prévia desde que seja identificada a fonte. A reprodução total de artigos é proibida. Os artigos só devem ser usados para uso pessoal e não comercial.

Em caso de dúvidas, consulte a redação: revistafacitec@facitec.br.

A e-Revista Facitec é a revista eletrônica da FACITEC, totalmente aberta, inaugurada em Janeiro de 2007, com perfil acadêmico, é dedicada a professores, pesquisadores e estudantes. Para mais informações consulte o site www.facitec.br/erevista.

e-Revista Facitec ©2007 Faculdade de Ciências Sociais e Tecnológicas

**Doutor em Economia pela Universidade Católica de Brasília*



O COMÉRCIO MUNDIAL E A GUERRA CAMBIAL

TRADE AND WORLD WAR CURRENCY

RESUMO

O autor faz uma análise da situação política e econômica da situação mundial a partir do acordo de *Bretton Woods*, (1944) quando foram definidos os ordenamentos econômicos que viriam a se estabelecer na economia mundial após o final da 2ª. Grande Guerra, com base na conversibilidade ouro-dólar. O rompimento americano com os acordos em 1971, as crises políticas no Oriente e a Guerra Fria, (1948-1989), como responsáveis pelos desequilíbrios dos mercados, nas últimas seis décadas e seus reflexos no desenvolvimento dos mercados emergentes, a desvalorização do dólar e o surgimento atual da hegemonia chinesa no mercado internacional após as reformas econômicas lideradas por Deng Shao Ping. A grande expansão dos mercados no final do século XX é analisada no presente artigo como uma nova força econômica que ressurgiu no início do século XXI determinando novos posicionamentos das Nações emergentes, alterando o equilíbrio de forças do mercado até então sobre a hegemonia das Nações ricas.

Palavra-Chave: Câmbio, Política Monetária, Mercado, Tributos.

ABSTRACT

The author analyzes the political and economic situation of the world situation from the Bretton Woods (1944) were defined when the economic order that would establish the world economy after the end of the 2nd. Great War, based on U.S. dollar-gold convertibility. The break with the American agreements in 1971, political crises in the East and the Cold War (1948-1989) as responsible for market imbalances in the last six decades and its impact on the development of emerging markets, the devaluation of the dollar and the rise current Chinese hegemony in the international market after the economic reforms led by Deng Shao Ping. The great expansion of markets in the late twentieth century is analyzed in this article as a new economic force that emerges early in the century of the United determining new positions emerging, changing the balance of market forces so far on the hegemony of wealthy nations.

Key-word: Exchange Rates, Monetary Policy, Market, Taxes.



INTRODUÇÃO

A guerra cambial que atualmente preocupa tanto os países ricos quanto os emergentes é consequência de vários fatores, esses fatores fazem parte de um conjunto de medidas que são adotadas pelos governos no sentido de valorizar suas moedas, e assim, fortalecer-se com seus produtos nos mercados internacionais.

Como consequência, ganham competitividade sendo favorecidos através do aumento da sua balança comercial. Várias estratégias são articuladas no sentido de enfraquecer os concorrentes que disputam o mercado internacional, uma delas é inundar o mercado com mais moeda, mas essa injeção de moedas, só provoca instabilidade na concorrência se for uma moeda forte derivada de uma economia forte. Atualmente, podemos falar dos Estados Unidos e da China como países que estão desestabilizando o mercado, e provocando agitação em economias emergentes que precisam de mercado externo para crescer e se fortalecer.

Os Estados Unidos e a China são considerados hoje as maiores potências comerciais, e concorrem entre si pela supremacia do mercado internacional. Os demais países estão em segundo plano tentando puxar o tapete das lideranças do mercado. Para os leigos em economia um exemplo pode exemplificar essa situação.

O Brasil durante o período conhecido como "República Velha", teve a hegemonia exportadora do café, mas quando a safra foi muito grande e o preço no mercado internacional ameaçava cair, foi obrigado a queimar o excedente para manter o preço, se disponibilizasse toda a produção, o preço do produto despencaria, causando prejuízos e quebra da produção. Com o fluxo de moedas lançadas no mercado o mesmo exemplo se repete ajudando suas exportações, já que os produtos estão muito baratos.



Quanto aos demais produtos colocados por países como o Brasil, se valorizam juntamente com sua moeda, nesse caso, o real, reduz sua capacidade de exportação, já que seus produtos ficam mais caros em relação aos demais concorrentes. No caso do dólar a situação é mais grave, já que se trata de uma moeda de transação no mercado, que apesar de sofrer concorrência de outras moedas, continua sendo um meio de transação hegemônico, situação essa definida em 1944 em Bretton Woods e posteriormente, com o sistema de flutuação cambial a partir de 1973.

Em 1971 os Estados Unidos romperam de forma unilateral o compromisso assumido em 1944 da conversibilidade do dólar em ouro. Em 1973 as tentativas de restabelecer e restaurar o equilíbrio com novos acordos de paridade não foram adiante, e de lá prá cá, a economia mundial vive numa ausência total de regras, onde paridade e estabilidade monetária é uma ficção, com isso, a maioria das nações adota o regime de flutuação cambial, enquanto, países emergentes vinculam suas moedas a alguma divisa forte no mercado internacional, predominando o dólar, é o caso da América Latina e de outras próximas ao euro ou ao iene.

No período pós-guerra o mercado internacional foi marcado em parte pela hegemonia americana que liderou a corrida armamentista, no prosseguimento da belicosidade ideológica com a URSS. Na década de 70 tivemos a primeira crise do petróleo provocada pela OPEP ao lado de rupturas políticas no continente africano, na Ásia, no Oriente e América Latina, com drásticas alterações na economia mundial. Os estudiosos afirmam que a guerra fria teve dois momentos, o primeiro que vai de 1945 a 1973 e o segundo de 1973 a 1987.

A primeira fase se caracterizou por uma acirrada belicosidade com ameaça permanente de um conflito nuclear, seguido de vários tratados nucleares internacionais, mas com um desenvolvimento econômico considerado próspero no âmbito global. O segundo período foi caracterizado por duas crises tidas como globais quando a OPEP –



Organização dos Países Exportadores de Petróleo intervêm em 1973 e em 1979 provocando aumento do preço do barril de petróleo, agravado ainda pela derrubada no Irã do Xá Reza Pahlevi, no poder desde 1953, quando foi conduzido ao poder com apoio da CIA, assumindo em seu lugar o Aiatolá Khomeini.

Posteriormente, esse período foi marcado por conflitos armados nos anos de 1986 e 1987 com o acelerado processo de degenerescência do bloco socialista, chegando ao fim com o processo belicista da guerra fria, que marcou o mundo até o final da década de 80, concluindo-se com os acordos de Helsinque e Washington, em 1991. O muro de Berlim ícone da guerra fria é posto abaixo. Devemos ressaltar que até os acordos de Reykjavík em 1986 e de Washington em 1987 o mundo conviveu com o fantasma da Guerra Nuclear.

O mercado internacional na última década do século XX e início do século XXI têm de enfrentar a concorrência dos produtos chineses, que tem custos menores de produção. A Ásia e o sudeste asiático, com sua mão de obra mais barata ajudam a inundar de mercadorias o mercado mundial, reduzindo assim, a faixa de mercado que os países emergentes têm para colocar seus produtos finais.

A Crise Americana

Câmbio fixo ou livre, ou paridade cambial. Qual a melhor opção para o mercado desenvolvido e para as nações emergentes? Em 2008 para vencer a crise que se alastrava desde 2007 quando empresas e bancos, cujas hipotecas foram desvalorizadas, e o consumidor não teve como arcar com a elevação das despesas, o calote as hipotecas imobiliárias foram inevitáveis, resultando na quebra de alguns bancos importantes, diante disso, o governo americano de George W. Bush já no final de governo, e posteriormente Barak Obama, conseguem aprovar no Congresso pacotes econômicos de ajuda e de estímulo a economia.



A recessão americana tem seu início em 2001 com o estouro da bolha da chamada nova economia, ou seja, das empresas, "ponto com", os juros tiveram uma queda para 1% ao ano em junho de 2003, com o reaquecimento da economia gerando um acelerado "boom", principalmente, no mercado imobiliário. Empresas focaram seus negócios nos clientes chamados "subprime", o que representava risco consciente de não pagamento, mas cujo retorno é mais alto o que despertou grande interesse. A compra desses títulos "subprime" passou a ser emprestado apenas na confiança, investidores readquiriram esses títulos derivativos sem o recebimento do primeiro pagamento, gerando especulação.

Em 2006 o primeiro sintoma da crise se manifestou. Os preços dos imóveis e a taxa de juros não paravam de crescer, chegando a 5,25% assim, foi inevitável que os credores não conseguissem honrar seus títulos, cujos contratos previam correções. A inadimplência foi inevitável. A quebradeira foi como pedra de dominó, caindo seguidamente e a insolvência batendo na porta dos bancos, resultando na falta de liquidez e retração de crédito. Bancos não emprestavam dinheiro entre si, o que gerou uma crise de confiança. O centro do capitalismo sofre abalo que repercute no sistema financeiro internacional que estão financeiramente interligados.

A Expansão dos Mercados

O sistema de Bretton Woods, nunca foi devidamente seguido pelas nações signatárias, teve um período de tempo limitado, isso devido aos desequilíbrios econômicos decorrentes da Segunda Guerra Mundial. Havia escassez de dólar no mercado. Os Estados Unidos eram responsáveis por 25% da produção mundial, e também dos fluxos comerciais. Muitos países, principalmente os europeus não aderiram ao sistema de livre conversibilidade, o que ocorre somente na década de 50. A França e a Grã-Bretanha sem o apoio do FMI realizaram desvalorizações cambiais muito maiores do que os limites que o fundo autorizava o modelo de



paridade fixa só vigorou na década de 60, quando surgem outros problemas, como os déficits contínuos nas transações correntes dos Estados Unidos que emitiram mais dólar do que suas reservas em ouro suportariam o que colocou o modelo sob pressão.

Na década de 60 o FMI teve escassez de recursos para socorrer os países em desenvolvimento com crises financeiras, além disso, a crise da libra esterlina em 1960-61 levou a uma negociação dos acordos gerais de empréstimos entre os bancos centrais, criando o "banco dos dez". Na década de 60 os Estados Unidos solicitaram aos países que estavam com suas balanças comerciais superavitárias que contivessem a conversão em ouro de suas reservas em dólar, foram atendidos por nações que tinham uma dependência militar dos Estados Unidos como Japão e Alemanha, mas não foram atendidos pela França que na época tinha como presidente o General De Gaulle, que era nostálgico pelo que denominavam de "reliquia bárbara", no dizer de John Maynard Keynes representado pelo cobiçado ouro. À ausência de liquidez internacional não respondia adequadamente ao comércio mundial, nesse caso, tentou-se contornar a situação, com a criação de uma nova moeda com referência internacional, que ficou conhecido como: "o direito especial de saque", adotado durante a conferência do FMI no Rio de Janeiro em 1967, mas que somente entrou em vigor na década de 70.

Na década de 80 o capitalismo teve um crescimento acelerado gerando uma nova tendência: A globalização. O capitalismo desde as suas origens se definiu por uma interdependência de mercado entre as nações, base essencial para o seu funcionamento. O estudo do seu desenvolvimento leva a compreensão das relações internacionais, já que o mercado e sua ampliação, juntamente com o desenvolvimento científico e tecnológico, determinaram o grau de relação capitalista através do tempo. Segundo (LEITE, 1990, p.1). O gráfico de "Diamante Porter", expressa o processo de competitividade entre os mercados que se desenvolveu principalmente a partir do processo da globalização.



Com a globalização novos mercados surgem dando margem a sua exploração por outros mercados a partir de uma economia mais desenvolvida, ou seja, as Nações em que o processo produtivo está mais desenvolvido tende a sair na frente pela conquista desses novos mercados. Esse mecanismo de expansão passa a ser liderado pela Europa e América. A década de 80 para países mais desenvolvidos a competição passou a ser a chave para a geração e crescimento da sua economia tendo em vista que tanto os Estados Unidos quanto os países Europeus passavam por dificuldade.

Segundo Baeck:

Em 1983, os Estados Unidos libertaram-se do domínio da recessão e desencadearam uma rápida expansão. O consumo, o investimento e o crescimento econômico foram estimulados pela redução de impostos, mas o festival de consumo que se seguiu não teve a correspondência da poupança. Além disso, as importações não foram igualadas pelas exportações, e a economia americana passou a ser deficitária. Já a economia japonesa absorveu rapidamente seus déficits oriundos do segundo choque do petróleo e acumulou um enorme saldo, enquanto os principais países da Comunidade Econômica Européia mantiveram-se estritamente dentro de sua política deflacionária, tendo como alvo a promoção da produtividade com economia de mão-de-obra. Seus investimentos não conseguem desenvolver-se e suas estatísticas de desemprego permanecem em níveis recordes. Houve uma considerável saída de capital para os Estados Unidos motivada pela alta taxa de juros e pela taxa cambial, evasão essa que foi posteriormente refreada pela queda do dólar e das taxas de juros americanas. Assim, os Estados Unidos tem que se adaptar à sua nova situação de dependência do dinheiro estrangeiro. (BAECK, 1987, p.230).

O "Diamante de Porter", Figura 1, mostra como o processo de competição foi estruturado no sentido de ampliar os resultados das empresas diante da realidade econômica que se apresentou perante à ampliação dos mercados.



Figura 1 – Diamante de Porter

- 1 – Fatores: Recursos humanos, tecnologia, recursos naturais e capital
- 2 – Demanda: Dimensão, estrutura e exigências do consumidor interno
- 3 – Fornecedores: Eficiência e competitividade das empresas fornecedoras
- 4 – Concorrência interna: Condições determinantes da funcionalidade e rivalidade empresarial

Segundo PORTER (1990, p.1) a visão moderna das empresas se apresentam através de três fatores:

1. Vantagem competitiva das empresas: As empresas ganham e mantêm vantagem competitiva no mercado internacional mediante inovação, melhoria e constante aperfeiçoamento (up-grading), dos seus produtos em função do progresso tecnológico e da percepção das mudanças e necessidades do mercado.
2. Vantagem Competitiva das Nações: Portanto: A Competitividade de cada país é determinada pelo ambiente produtivo em que as empresas nascem interagem e lutam para atingir seus objetivos. (PORTER: 1990:1).
3. Prosperidade das Nações: A prosperidade de um país depende de sua competitividade, que é baseada na produtividade com que produz seus bens e serviços. (HBS – Institute for Strategy and Competitiveness, www.isc.hbs.edu) (PORTER, 1990, p.1).

É sabido, que o processo colonialista no passado (séc.XIX), representou uma marca indelével na história das nações, aprofundado por práticas imperialistas que nunca negaram o uso da força para ampliar



seus interesses econômicos. Ao final da década de 80, podemos concluir que a globalização mundial dos mercados, representou o máximo em desenvolvimento nas relações entre as nações. Ainda nessa década os países localizados na região do pacífico passaram a apresentar um alto índice de crescimento econômico, intervindo nos mercados internacionais. Dentre as nações que se destacaram podemos citar a Coréia do Sul, Taiwan (anteriormente, Formosa), Cingapura e Hong-kong, esse último desenvolvendo uma economia de entreposto com uma economia de mercado puro, elevou sua renda per capita para mais de seis vezes a da China continental, ambos abriram seus mercados internos oferecendo mão de obra barata e disciplinada, isenção de impostos, e custos baixos como estímulo a instalação de indústrias e empresas.

Essas condições internas foram responsáveis pela expansão da economia, criando um dinâmico mercado asiático em toda a região do pacífico. O Japão que na década de 30-40 tentou com o uso da força militar, estabelecer seu domínio na região, como condição estratégica para seus interesses hegemônicos, não conseguiu, mas representou um estímulo transformando-se em um dos "tigres asiáticos" depois de ter realizado uma bem sucedida reforma agrária com o aumento de atividades agrícolas, criando um mercado interno para a instalação de novas fábricas, com isso as exportações ao final da década de 80 atingiram o índice do PNB (Produto Nacional Bruto) de 90%, a despeito da recessão, seu crescimento foi notável chegando a 12%. A Coréia do Sul abriu suas fronteiras se tornando numa industrializada nação. Taiwan foi pelo mesmo caminho. O investimento em educação foi estrondoso, e como resultado gerou a expansão econômica em torno da construção naval, produtos têxteis, petroquímicos e de equipamentos elétricos.

A visão supranacional dos mercados é uma idéia antiga. Os Estados Unidos emergiram de duas guerras, como grande potência militar e econômica. Na Europa a idéia de desenvolver um mercado integrado para concorrer com os Estados Unidos, gerou uma série de acordos e alianças



com o objetivo de se fortalecer num mercado que a cada dia se tornava mais competitivo, daí acreditarem na necessidade de melhorar a competitividade de suas economias. Podemos listar várias associações econômicas criadas na Europa:

- **Benelux** – criada em 1944 integrou as economias da Bélgica, Holanda e Luxemburgo;
- **Ceca** – Comunidade Européia de Carvão e Aço – criada em 1952 e integrada por seis países, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, França, Alemanha e Itália, estabeleceram um mercado siderúrgico promovendo a livre circulação de matérias-primas e derivados da indústria siderúrgica, com o objetivo de fortalecer a indústria de base, posteriormente, seus membros criaram a **CEE** – Comunidade Econômica Européia - em 1957.

Quatro medidas fundamentais foram responsáveis para que em médio prazo, fosse possível a formação de um mercado comum europeu: A livre circulação de mercadorias, de serviços, de capitais e de pessoas. Tais princípios aconteceram mais recentemente com o aprofundamento da competição no mercado internacional, o desenvolvimento de novas tecnologias de produção, e a entrada de novos competidores. Em 1993 as fronteiras entre os antigos membros foram abolidas e a CEE abolida e substituída pela UE – União Européia, se transformando na maior comunidade econômica do mundo. A UE formada pelo Tratado de Maastricht é um governo comunitário com seis instituições básicas, constituída por um Conselho de Ministros, a Comissão Européia, e o Parlamento Europeu, ambos têm a responsabilidade de tomar decisões que deverão ser seguidas por todos os países membros.

O projeto de unificação da Europa é audacioso, visa à criação de um sistema de defesa comum, já em processo de criação, e independente da OTAN, a criação de uma moeda única, o EURO – Unidade Monetária Européia, também, já em circulação e que tem como prioridade a redução, e até a eliminação cambial nas transações comerciais, além de reduzir a dependência do dólar nas transações comerciais.



Na década de 90 vários projetos voltados para a criação de mercados supranacionais tiveram início fortalecendo alianças econômicas. Em 1994, Estados Unidos, Canadá e México foram responsáveis pela criação do **NAFTA** – Acordo de Livre Comércio da América do Norte, esse acordo é responsável por um PIB de 7 bilhões de dólares. O acordo previu a criação de uma zona de livre comércio com a abolição total das tarifas aduaneiras, mas com previsão de ser colocado em prática em 2015, mas num processo de adaptação, já circula entre os países uma grande quantidade de produtos sem nenhuma taxaço.

Na Ásia foi criada a **APEC** – Associação de Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico fundada em 1989, composta pelo Japão, Taiwan, Coréia do Sul, Malásia, Austrália e Nova Zelândia, com o tempo se tornou um bloco marcado pela heterogeneidade tendo participantes como Estados Unidos, Canadá, México e Chile. O objetivo da APEC é unificar até 2020 o seu mercado. Em 1996 A Apec foi responsável por 46% do comércio exterior, gerando 56% da produção e correspondendo a 37% da população mundial.

Em 1994 tiveram início às negociações para a criação da **ALCA** – Área de Livre Comércio das Américas, com o intuito de reunir 34 países, melhor dizendo, todas as nações do continente americano, com exceção de Cuba, que passa por um bloqueio econômico desde a época da guerra fria, arrefecido a partir de 1989, mas cuja liderança americana não considera como um país que respeite as liberdades individuais, e economicamente tem uma postura anticapitalista.

Os encontros desde então tem acontecido, mas em 1997 ocorreu um impasse quanto a data de seu funcionamento, houve por parte dos Estados Unidos na época, o desejo que fosse imediatamente, enquanto os demais países e principalmente aqueles que fazem parte do MERCOSUL decidiram prorrogar por tempo indefinido. A postura dos americanos era em defesa da extinção dos acordos como NAFTA, MERCOSUL, PACTO



ANDINO, o que gerou divergências em relação à manutenção desses mercados existentes.

A bipolaridade que existiu no período da guerra fria com a derrocada da URSS e seus países satélites, passou para uma situação multipolar. As áreas de influencia dos Estados Unidos e da Rússia, tem suas áreas de influencia que muitas vezes coincidem, é o caso do oriente médio, com sua economia baseada no petróleo que se relaciona com todos eles. Numa visão mais abrangente de como os mercados transnacionais hoje se relacionam podemos classificá-los como:

- Bloco americano liderado pelos Estados Unidos sua área de influencia passa pelo continente americano e parte do oriente médio;
- Bloco europeu liderado pela EU destacando-se a Alemanha se área de influencia atinge o Leste Europeu, parte do Oriente Médio e o norte da África;
- Bloco do Pacífico liderado pelo Japão abrange áreas da Ásia, Oceania que abarca a Austrália e Nova Zelândia.

Temos então três moedas dominando esses mercados, o dólar, o euro e o iene. No final da ultima década do século XX as transformações nos diversos sistemas econômicos e o dinamismo evolutivo da economia mundial, foi responsável pela consolidação da globalização dos mercados, impulsionados principalmente pela tecnologia. O desenvolvimento de blocos econômicos regionais provocou a liberação comercial e a conseqüente integração macroeconômica. As tentativas de rompimento com as políticas protecionistas e a ampliação desses mercados que possa gerar a diversidade de moedas fora do hegemônico dólar, tem se apresentado como um forte argumento dos governos nacionais.



Evolução do Dólar Americano

Evolução do Dólar Americano ⁽¹⁾							
MÊS/ ANO	VALOR MENSAL (2)	VARIAÇÃO NO ANO (%)	VARIAÇÃO EM 12 MESES (%)	MÊS/ ANO	VALOR MENSAL (2)	VARIAÇÃO NO ANO (%)	VARIAÇÃO EM 12 MESES (%)
2006				2009			
jan/06	2,281	-	-12,17%	jan/09	2,285	-	32,93%
fev/06	2,169	-4,91%	-19,12%	fev/09	2,318	1,44%	35,56%
mar/06	2,165	-5,09%	-16,31%	mar/09	2,330	1,97%	36,62%
abr/06	2,122	-6,97%	-13,28%	abr/09	2,230	-2,41%	34,18%
mai/06	2,215	-2,89%	-8,43%	mai/09	2,060	-9,85%	27,40%
jun/06	2,233	-2,10%	-6,88%	jun/09	1,969	-13,83%	23,91%
jul/06	2,188	-4,08%	-7,06%	jul/09	1,944	-14,92%	21,58%
ago/06	2,160	-5,30%	-5,76%	ago/09	1,852	-18,95%	2,89%
set/06	2,174	-4,69%	-3,85%	set/09	1,841	-19,43%	-14,65%
out/06	2,150	-5,74%	-2,58%	out/09	1,744	-23,68%	-23,31%
nov/06	2,161	-5,26%	-5,09%	nov/09	1,731	-24,25%	-28,44%
dez/06	2,154	-5,57%	-5,57%	dez/09	1,749	-23,46%	-23,46%
2007				2010			
jan/07	2,140	-	-1,34%	jan/10	1,799	-	-22,39%
fev/07	2,097	-2,01%	-3,14%	fev/10	1,841	2,33%	-20,99%
mar/07	2,095	-2,10%	-1,27%	mar/10	1,793	-0,33%	-19,60%
abr/07	2,035	-4,91%	-8,13%	abr/10	1,756	-2,39%	-14,76%
mai/07	1,981	-7,43%	-11,29%	mai/10	1,806	0,39%	-8,28%
jun/07	1,934	-9,63%	-11,61%	jun/10	1,816	0,94%	-6,58%
jul/07	1,885	-11,92%	-12,73%	jul/10	1,777	-1,22%	-4,05%
ago/07	1,993	-6,87%	-8,33%	ago/10	1,761	-2,11%	-4,35%
set/07	1,901	-11,17%	-11,58%	set/10	1,719	-4,45%	-1,43%
out/07	1,786	-16,54%	-17,35%	out/10	1,683	-6,45%	-2,77%
nov/07	1,791	-16,31%	-16,85%	nov/10	1,707	-5,11%	-2,40%
dez/07	1,792	-16,26%	-16,26%	dez/10	1,689	-6,11%	-6,11%
2008				2011			
jan/08	1,786	-	-14,83%	jan/11	1,671	-	-9,23%
fev/08	1,719	-3,75%	-17,95%	fev/11	1,669	-0,12%	-6,92%
mar/08	1,710	-4,26%	-15,97%				
abr/08	1,706	-4,51%	-13,91%				
mai/08	1,662	-6,94%	-14,06%				
jun/08	1,617	-9,46%	-14,22%				
jul/08	1,589	-11,03%	-20,27%				
ago/08	1,599	-10,47%	-15,89%				
set/08	1,800	0,78%	0,78%				
out/08	2,157	20,77%	20,44%				
nov/08	2,274	27,32%	26,90%				
dez/08	2,419	35,44%	35,44%				

Fonte: Banco Central do Brasil

Obs.: Valor médio do dólar americano no conceito de venda



No mercado globalizado é preciso ter calma, as soluções não são rápidas para enfrentar a briga comercial que ora se trava no mundo. No final de setembro de 2010 os mercados estavam em pé de guerra, pelo menos na retórica dos analistas de mercado. O ministro da Fazenda do Brasil Guido Mantega deu declarações de que uma “guerra de moeda internacional havia estourado”, o que serviu para encher de argumentos a mídia da informação. Quanto à questão de gerar ações para a cooperação com vistas a impulsionar o crescimento global, os países passaram a culpar um ao outro pela demanda global da distorção desvalorativa das moedas, consequência da flexibilização quantitativa, ou seja, a impressão de dinheiro para compra de títulos, e o aumento de controle através da intervenção cambial e de capitais.

Uma economia forte quando desvaloriza sua moeda, utilizando-se do câmbio fixo sob o controle do Estado, está preocupado com suas previsões de balanço comercial, e também com o mercado interno, assim, determina quanto valerá sua moeda em relação à moeda de mercado global que no caso, é o dólar. Nos demais países, como o Brasil, por exemplo, se adota o câmbio livre definido pela cotação oriunda das operações mantidas no mercado financeiro, é claro, que quando o valor do dólar despenca demais gerando uma valorização da moeda interna, a tendência é que haja uma intervenção do governo no sentido de adotar medidas interventoras no mercado, como a compra do dólar, no sentido de desvalorizar sua moeda interna, e assim, continuar tendo um mercado favorável para seus produtos de exportação, essa é uma cartilha por demais conhecida e sempre atuante.

Essa guerra cambial agravou-se recentemente, com a China que desvalorizou sua moeda o yuan em relação ao dólar, como sabemos, o mercado exportador chinês vem crescendo ano a ano, inundando os mercados com seus produtos, vários fatores contribuem para isso. Esse desdobramento retorna a década de 70 quando Deng Xiaoping fez a reforma econômica depois da morte de Mao Tse Tung. “Um país dois



sistemas”, foi seu lema. “Não importa a cor do gato, o importante é que continue pegando o rato”. Com uma população de mais de um bilhão de habitantes, e mais sua vontade política de fazer as reformas, levou a China a uma nova realidade. “Ser rico é maravilhoso”, dizia ele, despertando o povo chinês da grande noite de um período que teve início em 1949 com a fundação da República Popular da China, para um grande salto rumo ao capitalismo, mas ainda refém do Estado autoritário e sob a orientação e gestão do partido comunista.

A reação dos países emergentes com economias consideradas estáveis e de potências como os Estados Unidos, que inundou o mercado com a emissão de dólares gerando sua desvalorização, e conseqüentemente, baixando os preços de seus produtos industrializados, foi o que a imprensa chamou de “guerra cambial”, que travou-se entre a China e os Estados Unidos. O dólar desvalorizado prejudicou todas as economias, tanto no mercado interno quanto externo, já que os produtos exportados perdem na concorrência para os preços nos mercados em que são colocados, isso internamente, gera queda na produção, geração de excedente, já que num primeiro momento, a produção será colocada no mercado interno, e até desemprego, levando a economia a uma perspectiva de estagnação e surgimento de processos recessivos e inflacionários, levando em consideração que os produtos importados passam a ser mais baratos que os produzidos internamente. As empresas tendem a correr o risco de fechar as portas. Essa contextualização ocorre em 2011.

Negociações

A manutenção do câmbio Livre é vista como a solução que depende de acordos entre governos. A China teria que concordar em crescer menos para que as demais economias pudessem acompanhá-la. O G20 quando criado em 1999 com seu primeiro encontro realizado em Berlim, capital da Alemanha, é bom lembrar que juntos equivalem a 90% do PIB (Produto



Interno Bruto), e 80% do comércio global, correspondendo a dois terços da população mundial, tem por objetivo buscar e propor medidas junto às nações emergentes e em desenvolvimento, conjugado com os países ricos, para que a economia mundial possa superar as eventuais dificuldades que os mercados não sejam capazes de resolver por si só. Devemos ressaltar que a Coréia do Sul é o país asiático que não faz parte do G8, ou seja, o grupo das maiores economias do mundo, e que enfrenta problemas políticos e geopolíticos com a sua rival Coréia do Norte desde 1953 quando entraram em guerra.

O fluxo de capital especulativo que circulam no mundo levam alguns governos a tomar medidas com vistas a proteger suas economias.

Impactos da Natureza na Economia

Recentemente, com a tragédia decorrente do terremoto ocorrido em março que atingiu na escala Richter um tremor de 8.9 provocando tsunamis que arrasaram a região nordeste do país, e como decorrência provocou queda na bolsa de Tóquio. O Japão levará algum tempo para se recuperar dessa catástrofe, e com um agravante maior, a radioatividade nuclear oriunda da usina nuclear de Fukushima que teve seus reatores danificados.

Esses fatores provocados pela força da natureza, também refletem em todos os setores da atividade humana, gerando mudanças de comportamento, e a necessidade de grandes investimentos para recuperação das atividades atingidas. Os mercados sofrem com essas influencias bruscas provocadas pela natureza, impossíveis de serem previstas ou antecipadas pela ciência.

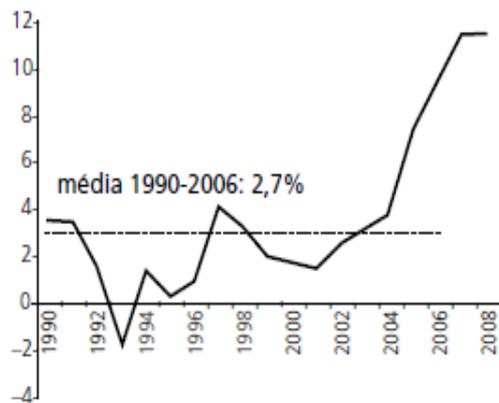
A China com um mercado que tem a vantagem de deter uma grande mão-de-obra com um preço na força de trabalho muito barata, e pouca ou quase nenhuma legislação trabalhista, em comparação com a força de trabalho dos demais países desenvolvidos, que tem uma proteção maior da sua força de trabalho, e conseqüentemente, mais onerosa na



concorrência entre os mercados, sai na vantagem, desvaloriza o Yuan, compra papéis da dívida interna americana, e aumenta suas reservas em moeda internacional. As críticas oriundas dos Estados Unidos e de alguns países europeus, têm se manifestado com o que eles chamam de "dinâmica de danos" causados pela política protecionista chinesa a seu mercado exportador. Os gráficos a seguir 1 e 2 mostram entre 1990 e 2007/2008 a situação das conta corrente da China.

Saldo Em Conta Corrente Da China

Gráfico 1: Saldo em conta corrente da China, 1990-2008* (% do PIB)



A. M. Cunha, A. M. Biancarelli e D. M. Prates – A diplomacia do yuan fraco

Fonte: IFS – IMF. Elaborado pelos autores.

(*) Para 2006 e projeções 2007-2008 utilizou-se o CountryInfobase Deutsche Bank (<http://www.dbresearch.com>).

Aos olhos da China e, de muitos emergentes, os governos defendem um mercado aberto, mas a flexibilização quantitativa cambial, gera distorções graves na economia mundial, com os investidores procurando outros lugares, especialmente em economias emergentes, em busca de rendimentos mais elevados. Com isso, uma nova área de contenção surge na medida em que, os países em desenvolvimento respondem a esses fluxos de capital. Ao invés de deixar suas taxas de câmbio subir, muitos governos têm intervindo para comprar moeda estrangeira, ou impor taxas sobre os fluxos de capital estrangeiro. Recentemente, o Brasil (2010-2011) dobrou o imposto sobre as compras

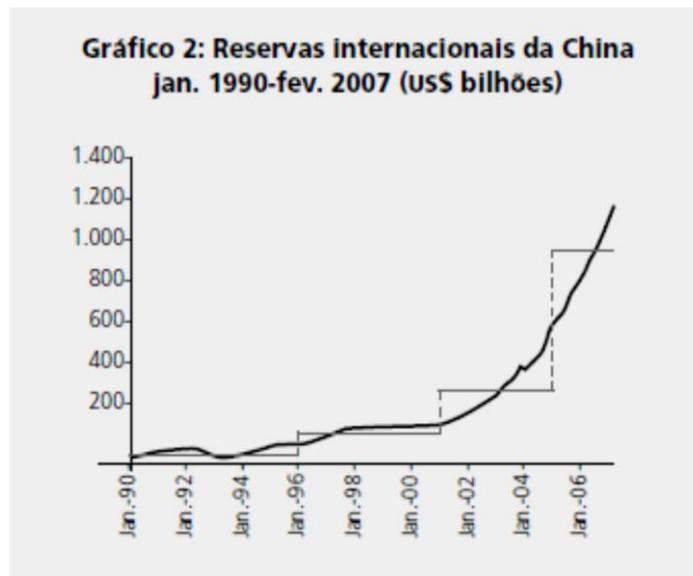


externas de sua dívida interna. A Tailândia anunciou um novo imposto retido na fonte de 15% para investidores estrangeiros. O controle de ingresso de capitais é permanente, mas da mesma forma com que procuram os emergentes, os abandonam na primeira ameaça de instabilidade do mercado, ou voam rapidamente para onde podem obter ganhos maiores.

A Inglaterra aprovou na Câmara dos representantes uma lei permitindo que as empresas busquem proteção tarifária contra os países que desvalorizam suas moedas com uma grande maioria partidária. Consideram uma prática "Desleal" no comércio internacional, o que internamente esquentou as discussões políticas. Outro foco de discussão é a política monetária dos países ricos, que tem apoio dos bancos centrais de reiniciar a impressão de moeda para adquirir títulos do governo, o que cria expectativa nos mercados, principalmente quanto ao dólar, já que esperam que o Federal Reserve aja com rapidez e ousadia na defesa da sua economia, buscando protegê-la. O mesmo acontece com o euro, que andou desvalorizando o euro. Entusiasmo ou não do mercado, o impulso por medidas que elevem a moeda, sempre tem como resultado, ganhadores de um lado e perdedores do outro.



Reservas Internacionais Da China



A. M. Cunha, A. M. Biancareli e D. M. Prates – A diplomacia do yuan fraco

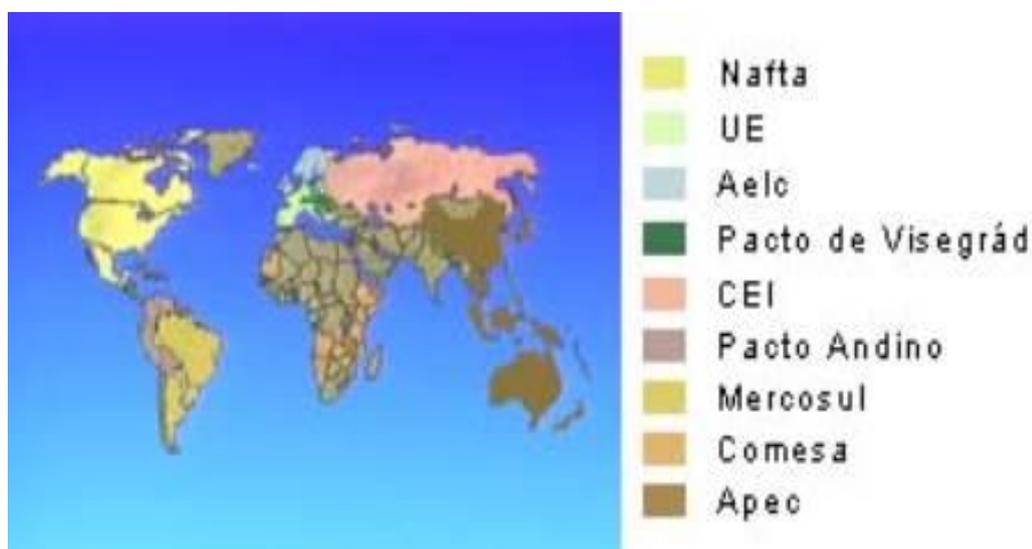
Fonte: IFS – IMF. Elaborado pelos autores.

(*) Para 2006 e projeções 2007-2008 utilizou-se o CountryInfobase Deutsche Bank (<http://www.dbresearch.com>).

O que pode ser denominado como “guerra cambial”, é a necessidade que os países têm de conquistar mercados com mais poder de fogo tais como: força de trabalho barata, e em grande quantidade, tributação quase nenhuma, domínio da tecnologia, matéria prima disponível, seja através de extrações internas ou aquisições externas, com real controle e subsídio do Estado. São condições que somadas a uma moeda que torne competitivo tanto commodities como produtos industrializados, cumpra o objetivo de conquistar mercados com produtos e marcas diversificadas. A seguir, mapa mostrando os blocos econômicos mundiais.



Mapa com os Principais Blocos Econômicos



Fonte: <http://trabgeoeconomica.vilabol.uol.com.br/blocos.htm>

Comércio dos EUA na Europa Ocidental

Comércio externo dos Estados Unidos na Europa Ocidental (em milhões de dólares, aos preços correntes)						
	Exportações			Importações		
	1936-38*	1946	1947	1936-38*	1946	1947
Total						
Europa(**)	1123	3228	4675	602	638	679
Inglaterra	449	865	1114	174	156	205
França	143	712	821	65	62	47
Bélgica	77	249	536	59	77	59
Itália	65	371	492	43	69	44
Suécia	57	206	399	51	47	93
Holanda	81	222	385	45	23	26
Grécia	7	143	167			
Alemanha	112	82	155			
(*) média anual						
(**) sem a URSS e as novas democracias						
fonte: Foreign Commerce Weekly, de 28-2-48, pág 8-9, EE UU http://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/17/expansao.htm						



Como consequência da expansão comercial a tabela 3 procura mostrar o seu desenvolvimento entre 1936 e 1947 a partir dos seguintes princípios:

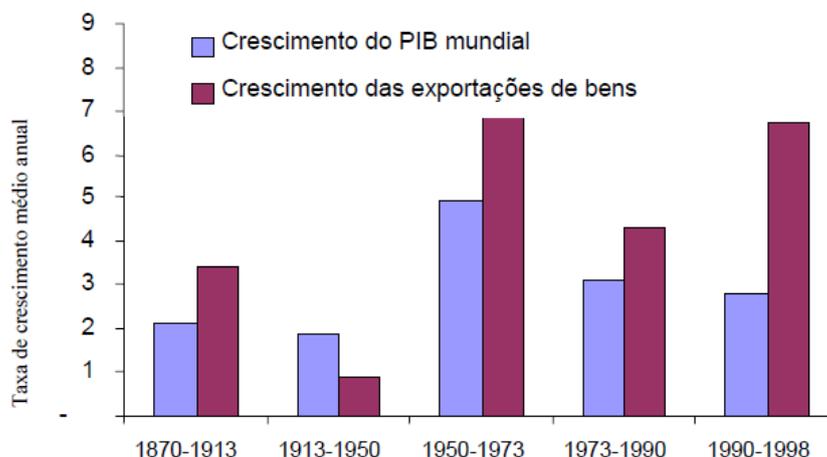
1. Expansão do comércio externo;
2. Empréstimos e créditos de Estado, militares e políticos, para a aquisição de mercadorias americanas, etc.;
3. Exportação do capital privado (créditos, criação de companhias subsidiárias e filiais, imposição de um controle sobre as empresas estrangeiras com o objetivo final de açambarcá-las;
4. Açambarcamento de bens estrangeiros (compra de ações por preços vis, apropriação ilegal de despojos de guerra e de reparações);
5. Manobras especulativas (inflação, seqüestros, reformas monetárias, desvalorização de valores estrangeiros).

Essa realidade que hoje deparamos na economia internacional, gera a necessidade de reformas institucionais, políticas, econômicas, tecnológicas, educacionais, ambientais, como também, a necessidade de repensar valores sociais que envolvem inevitavelmente, o poder aquisitivo e de consumo das classes sociais. O capitalismo, como conhecemos, pode estar fadado a passar por uma revolução pressionada pelo lucro final, frente à valoração do homem e das questões ambientais. É o que chamaríamos de capitalismo natural. Combater os impactos ambientais preservando o lucro, o coração da economia capitalista. Um paradigma que se apresenta como um desafio em busca de um novo ordenamento econômico, responsável pelos acalorados debates que a comunidade internacional e seus organismos tem posto na mesa para discussão em busca de novas alternativas. No gráfico 4 a seguir, apresentamos a evolução da Taxa de câmbio da China no período de 1990 a 2007.



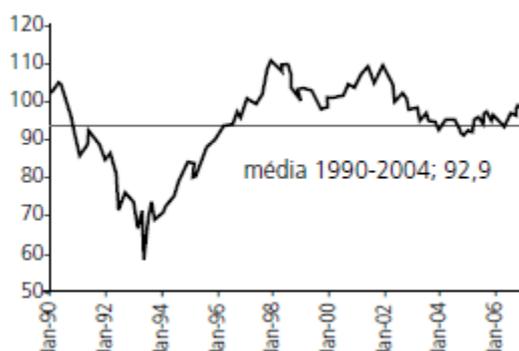
COMÉRCIO E PRODUTO MUNDIAL, 1870-1998

A. Crescimento do produto mundial e das exportações de bens



No gráfico anterior (3) apresentamos o crescimento do produto mundial e das exportações de bens para o período de 1870 a 1998. Verificamos que há um crescimento das exportações em relação ao crescimento do PIB Mundial. (As dimensões Econômicas da Globalização – Capítulo II <http://www.eclac.org/publicaciones/xml/9/10029/Por-Cap2-Globalizacion.pdf>).

Gráfico 4: Taxa de câmbio real e efetiva da China, jan./1990 – mar./2007



A. M. Cunha, A. M. Biancareli e D. M. Prates – A diplomacia do yuan fraco

Fonte: IFS – IMF. Elaborado pelos autores.

(*) Para 2006 e projeções 2007-2008 utilizou-se o CountryInfobase Deutsche Bank (<http://www.dbresearch.com>).

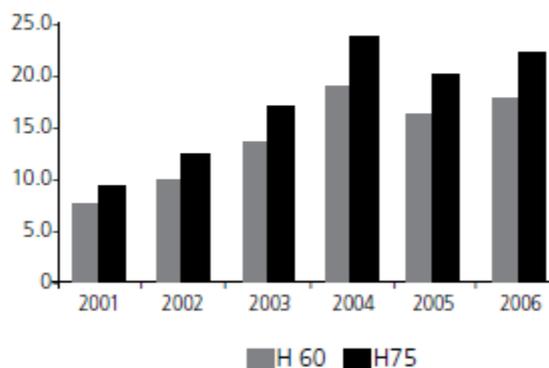
No gráfico 5 é apresentado o grau de cobertura do déficit em conta corrente dos Estados Unidos a partir das reservas da China no período de 2001 a 2006 (%). Nesse início do século XXI a expansão da China nos



mercados internacionais foi suficiente para bancar o endividamento interno americano, como também, através da compra de papéis.

O mercado de trabalho asiático por praticar custos menores no processo de produção se tornou atrativo para as economias, cujo avanço tecnológico e científico, foi atraído pela redução de custos na produção de manufaturas, e assim, transferem para fora dos seus países os impactos ambientais, e a diversidade de problemas sociais que se agravam para fora de sua jurisdição, entretanto, essa realidade não é totalmente verdadeira, tendo em vista, que os países ricos, sofrem com os desdobramentos dos impactos sociais e naturais, que vão acontecendo nas regiões em que a concentração populacional é mais concentrada exportando seus problemas para as nações consideradas mais ricas.

Gráfico 5: Taxa de cobertura dos *deficits* em conta corrente dos EUA por meio das reservas da China, 2001-2006 (%)



Fonte: IFS – IMF. Elaborado pelos autores.

A. M. Cunha, A. M. Biancareli e D. M. Prates – A diplomacia do yuan fraco

Fonte: IFS – IMF. Elaborado pelos autores.

(*) Para 2006 e projeções 2007-2008 utilizou-se o CountryInfobase Deutsche Bank (<http://www.dbresearch.com>).

Se a China hoje acumula o déficit público americano através da acumulação de reservas, como apresentado no (Gráfico 5), há de se perguntar se isso é bom para a economia americana.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Estados Unidos desde o ataque terrorista de 2001 se envolveu em duas frentes de luta, Afeganistão e Iraque, e no momento, em que concluo o presente artigo, ocorre no Oriente Médio uma explosão social contra as ditaduras, que se alastra por todos os países da região, e com apoio da ONU a OTAN ingressa militarmente num novo conflito, agora na região norte da África contra a Líbia. Trata-se de defender as aspirações populares que clamam por mais democracia, e a construção de um futuro para as novas gerações.

A indústria militar se beneficia desse novo cenário de guerra que se alastra pelo Oriente e pela Ásia. Os Estados Unidos agravam a sua situação econômica tendo que liderar a política mundial, hoje tão imprescindível como no entre guerras (1918-1939), em que foi obrigado mais uma vez, intervir para mudar os rumos ideológicos e políticos que construíam os países do eixo (Japão Alemanha e Itália). Coreia do Norte, e Irã continuam sendo uma grande preocupação a manutenção da paz mundial, corrida nuclear, agressão aos direitos humanos, hoje são a mais nova preocupação do ocidente. Como os mercados se comportarão diante desse contexto político mundial, e qual a influencia desses fatores em seu refluxo ou crescimento, é um desafio para a política e a economia mundial.

É certo, que em áreas onde a estabilidade política, e econômica inexistente, o mercado interno não se desenvolve, ou melhor, não há desenvolvimento, assim, produtos importados tomam o lugar de uma produção nacional que deveria existir, e gerar crescimento interno com exportações, gerando novas relações, e trazendo prosperidade aos povos envolvidos.

Para Éneas de Souza:



Há uma doidura geral nos grandes países, principalmente nas transações mercantis: todo mundo querendo ter preço baixo para que os outros países comprem. E eles também desejam que os outros mantenham abertas as entradas de recursos financeiros para aplicações em títulos, bolsas e até mesmo ativos reais, obviamente para sacar do exterior os resultados que faltam nos seus próprios mercados (SOUZA, 2011).

Os liberais defensores da economia do livre mercado estão numa “sinuca” histórica. O Estado, que tanto condenaram no passado a partir dos seus teóricos clássicos, ainda não foram capazes de encontrar uma resposta para uma economia em que o Estado mínimo seja uma realidade de fato.

REFERÊNCIAS

BAECK, Louis. O Desequilíbrio da Economia Internacional dos Anos 80. *Pesq. Planej.* 17 (1) Abril. São Paulo. 1987

CEPAL *As dimensões Econômicas da Globalização* – Capítulo II <http://www.eclac.org/publicaciones/xml/9/10029/Por-Cap2-Globalizacion.pdf>).

CUNHA, A. M. et al. A Diplomacia do Yuan fraco. *R. Econ. Contem.* RJ V. 11 N°3, p.525-562. set./dez.2007.

INSTITUTE FOR STRATEGY AND COMPETITIVENESS. *Harvard Business Scholl.* 2009.

PORTER, Michael. *The Competitiveness of Nations.* New York: Free Press (1990).

SOUZA, Enéas. O Buraco Negro do Dólar. <http://sul21.com.br/jornal/2010/11/o-buraco-negro-do-dolar/em> 25.03.2011às 9hs43min.